



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

MAKES DARLEY OLIVEIRA FERREIRA

**TRAJETÓRIAS DE AFILIAÇÃO DOS ESTUDANTES DE
GEOGRAFIA DA UFNT**

Araguaína/TO
2022

MAKES DARLEY OLIVEIRA FERREIRA

**TRAJETÓRIAS DE AFILIAÇÃO DOS ESTUDANTES DE
GEOGRAFIA DA UFNT**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à UFNT –
Universidade Federal do Norte do Tocantins – Campus
Universitário de Araguaína, para obtenção do título de
Licenciado em Geografia

Orientador: Prof. Dr^o Miguel Pacífico Filho

Araguaína/TO
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- F383t Ferreira, Makes Darley Oliveira.
TRAJETÓRIAS DE AFILIAÇÃO DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFNT. / Makes Darley Oliveira Ferreira. – Araguaina, TO, 2022.
43 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaina - Curso de Geografia, 2022.
Orientador: Prof. Drº Miguel Pacifico Pacifico Filho
1. O ENSINO SUPERIOR NO BRASIL E NO TOCANTINS. 2. A CRIAÇÃO E EXPANSÃO DA UFT: o REUNI e a UFNT. 3. A AFILIAÇÃO E ASSIMILAÇÃO DO OFÍCIO DE ESTUDANTE. 4. OS ESTUDANTES DO CURSO DE GEOGRAFIA: percalços e estratégias para inserção no ensino superior. I. Título

CDD 910

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO


MAKES DARLEY OLIVEIRA FERREIRA

TRAJETÓRIAS DE AFILIAÇÃO DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFNT


TCC foi avaliado e apresentado à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, Curso de Licenciatura em Geografia para obtenção do título de graduação e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 29/06/2022

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 MIGUEL PACIFICO FILHO
Data: 13/02/2023 16:08:14-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Miguel Pacífico Filho (UFNT)

Documento assinado digitalmente
 MIGUEL PACIFICO FILHO
Data: 13/02/2023 16:08:14-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Maurício Ferreira Mendes (UFNT)

Araguaína, 2022

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr^o Miguel Pacífico Filho, pela exímia dedicatória e disponibilidade de tempo para ser meu orientador neste trabalho, oferecendo um acervo rico de conteúdo que me proporcionou a discussão e reflexão sobre o tema, obtendo assim um enriquecimento intelectual.

A Universidade Federal do Tocantins em nome de todos os professores do curso de geografia, por ter a oportunidade de elevar minha sabedoria e replicar todo o conhecimento adquirido para fora dela.

Aos meus familiares, em especial minha mãe Maria Rosa e meu pai José Luiz que não estão mais presentes pois estão no plano espiritual pois alcançaram o descanso eterno, pois através de seus princípios pude então almejar a capacidade de ter um diploma juntamente com minha formação.

As minhas amigas e amigos de curso Areta, Diana, Elaine, Victor, Arlen, que sem eles o caminho teria sido um pouco mais difícil, pois sabemos como o processo de ensino e aprendizagem demanda várias vezes do coletivo.

Aos meus amigos da vida que me auxiliaram neste trajeto com todo apoio emocional para seguir em frente Daniel, Pâmela, Hérica, Edna, Márcia pois sem vocês presentes essa caminhada seria muito mais complexa.

Em especial ao Nicholas aluno da UFG que tem sido uma pessoa iluminada, desde que tive a oportunidade de tê-lo em minha vida, principalmente neste momento final da trajetória da graduação tem sido muito gratificante todos os momentos em que estivemos em conjunto.

RESUMO

O processo educacional no âmbito brasileiro, retrata diferentes modos em sua historicidade, em especial ao analisarmos o ensino superior, tal como sua criação e exercício, mostrando seus papéis fundamentais na sociedade brasileira, sua expansão, sua trajetória, suas colunas empíricas e sociais, que levantam assuntos eminentes a transformação do seu meio. Aplicar esse conhecimento a quem delimita e está dentro dela, na relação de aluno, que compõe o núcleo e a base, gera uma percepção crítica sobre como devemos lidar com quem obtém da sua finalidade, por meio do estudo, compreensão, didática e outros assuntos pertinentes ao meio acadêmico. Ao realizar o recorte estrutural em especial aos alunos de geografia da UFT que estão matriculados entre os anos de 2018 a 2022, podemos conhecer quem são estes, quais foram as suas trajetórias para incluí-los no meio universitário, tal como seus enfrentamentos, debates morais, sociais e para além dos muros da universidade. Compreender e analisar estes fatos, gera um olhar analítico sobre como o ensino se estrutura na teoria e também na prática, ocasionando assim um acervo de conhecimento interpessoal e coletivo para a sociedade e também ao meio estudantil.

Palavras-chaves: Analítico. Base. Ensino. Universidade.

ABSTRACT

The educational process in the Brazilian context portrays different modes in its historicity, especially when analyzing higher education, such as its creation and exercise, showing its fundamental roles in Brazilian society, its expansion, its trajectory, its empirical and social columns, which raise eminent issues the transformation of its environment. Applying this knowledge to those who delimit and are within it, in the student relationship, which composes the nucleus and the base, generates a critical perception about how we should deal with those who obtain their purpose, through study, understanding, didactics and other subjects pertinent to the academic environment. By performing the structural cut in particular to geography UFT students who are enrolled between 2018 and 2022, we can know who these are, what were their trajectories to include them in the university environment, such as their confrontations, moral debates, social debates and beyond the university walls. Understanding and analyzing these facts generates an analytical view of how teaching is structured in theory and also in practice, thus causing a collection of interpersonal and collective knowledge for society and also in the student environment.

Key-words: Analytical. Base. Teaching. University.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Grau de escolarização das pessoas que residem com você	29
Tabela 2 - Enfrentou alguma dificuldade para se adaptar ao curso?	30
Tabela 3 - Se sim, assinale as opções que considera de difícil compreensão.	30
Tabela 4 - Quanto ao ensino híbrido adotado durante a pandemia	31
Tabela 5 - Quanto à trajetória de seus colegas de curso você	31
Tabela 6 - Quanto às estratégias para adaptação à vida universitária	32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
COVID-19	Corona Virus Disease – 2019
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
IES	Instituição de Ensino Superior
IFES	Instituição Federal de Ensino Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes Básicas
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNE	Plano Nacional de Educação
PROUNI	Programa Universidade Para Todos
REUNI	Reopção de Curso
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UFNT	Universidade Federal do Norte do Tocantins

SUMÁRIO

1	O ENSINO SUPERIOR NO BRASIL E NO TOCANTINS	11
2	A CRIAÇÃO E EXPANSÃO DA UFT: o REUNI e a UFNT	13
3	Problema de pesquisa	16
4	Objetivos	18
4.1.1	Objetivo Geral	18
4.1.2	Objetivos Específicos	18
5	Metodologia	18
6	A AFILIAÇÃO E ASSIMILAÇÃO DO OFÍCIO DE ESTUDANTE.....	20
7	OS ESTUDANTES DO CURSO DE GEOGRAFIA: percalços e estratégias para inserção no ensino superior.....	27
7.1.1	Categoria 1 - Grau de escolaridade das pessoas que residem com o respondente .	29
7.1.2	Categoria 2 - Dificuldade para adaptação ao curso.....	31
7.1.3	Categoria 3 – Fatores que dificultam a compreensão da vida acadêmica.....	32
7.1.4	Categoria 4 – Percepção sobre o ensino híbrido que foi desenvolvido durante o período de pandemia.....	34
7.1.5	Categoria 5 - Percepção quanto à trajetória acadêmica dos colegas de curso.....	36
7.1.6	Categoria 6 – Estratégias utilizadas para adaptação ao curso	37
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
9	REFERÊNCIAS	41
	ANDRADE, Cibele Yahn de. Acesso ao ensino superior no Brasil: equidade e desigualdade social. Disponível em Acesso ao ensino superior no Brasil: equidade e desigualdade social - Ensino Superior Unicamp. Consultado em 04/11/2021.	41
10	ANEXO 1	42
	Questionário:	42

1 O ENSINO SUPERIOR NO BRASIL E NO TOCANTINS

As últimas duas décadas viram a ampliação do alcance da universidade pública no que diz respeito ao acesso de estudantes originários das classes populares a seus cursos e espaços. Soma-se a esse contexto a interiorização das instituições públicas de ensino superior e chega-se à seguinte situação: os indicadores nacionais apontam números inadequados de acesso ao ensino superior quando em comparação com os países desenvolvidos; por outro lado chegam ao ensino superior alunos cujo acesso a esse estágio educacional constitui-se em trajetória atípica em seus grupos familiares. Essas afirmações iniciais são corroboradas pelo trabalho de Salata (2017) que busca testar

a hipótese de que a expansão do Ensino Superior no Brasil, ocorrida nos últimos vinte anos, associada às políticas implementadas mais recentemente foram capazes de reduzir as desigualdades de acesso por classe de origem (SALATA, 2017, p. 227).

Diante deste contexto podemos observar na literatura dados que explicam perfeitamente as causas principais que dificultam o acesso a estes alunos, cujo desenvolvimento se fragmenta ao longo do percurso escolar. Compreendendo sobretudo as pesquisas mencionadas, como exemplo citamos o fato de que “de acordo com a PNAD 2009 apenas 19% da população brasileira entre 18 e 24 anos tiveram acesso ao ensino superior” (Andrade, 2012, p. 19), verificam-se fatos muito presentes no nosso cotidiano, que compõem diagnóstico a respeito da atual situação de significativos grupos de estudantes do ensino superior brasileiro.

Ao decorrer da nossa história no Brasil, sempre houve muito pouco acesso ao ensino superior de fato. Ao buscarmos as origens da estruturação da educação superior no Brasil encontramos períodos de irregularidade e significativas contradições.

Dados recentes sobre a educação superior no Brasil indicam que vivemos num momento histórico em que temos que lidar com a dualidade nesta etapa educacional: de um lado o grande investimento financeiro nesta fase da educação, fato que não pode ser considerado um problema e de outro, a expansão ainda que pouco expressiva e democratizada do ensino superior (FRANCO, 2008, p. 54).

Este trabalho está dividido em 8 partes. A parte 1 O ENSINO SUPERIOR NO BRASIL E NO TOCANTINS vai discutir como surge as universidades, o processo de criação e materialização no estado brasileiro, tal como as suas pontes de sustentação e como ela abrange determinados grupos sociais, a exemplo dos seus cursos oferecidos, tal como o seu público, o grupo social aos quais eram seus frequentadores, em sumo para qual e para quem eram estas universidades.

A parte 2 A CRIAÇÃO E EXPANSÃO DA UFT: O REUNIE A UFNT discute a análise de expansão das universidades, aqui mencionamos inclusive a UFT/UFNT que está dentro desse processo governamental de criação, exemplificando o seu contexto de direção à ampliação, democratizando o acesso ao ensino dentro de políticas públicas que garantem a manutenção e coordenação das IFES como um direito de todos.

A parte 3 analisa o PROBLEMA DE PESQUISA, que por sua vez compreende quais são os fatores que não fazem esse sistema de acesso obter resultados excelentes, como seu acesso à permanência e a conclusão, que por sua vez acaba levantando enfrentamentos distintos do que seria o ideal, quando analisamos a sua historicidade.

A parte 4 e seus OBJETIVOS busca conceituar ideias que a partir deste trabalho, será possível a discussão e também a reflexão, tal como elencando as ideias por meio da análise social, familiar e pessoal do universitário presente na IFES.

A parte 5 e a METODOLOGIA traz uma análise de como será realizada o trabalho, aqui mencionamos inclusive os métodos que por sua vez traz os elementos de captura dos resultados, por meio de uma análise qualitativa, que pensa sobretudo no contexto individual e os levantamentos, ideias, questões que por si só discorrem o conteúdo dirigido.

A parte 6 com A AFILIAÇÃO E ASSIMILAÇÃO DO OFÍCIO DE ESTUDANTE busca o referencial teórico através da leitura que embasa os motivos pelos quais universitários enfrentam dificuldades após o ingresso, quais problemas devemos pautar para que sejam evitadas determinadas percas por parte do aluno ali inserido e também por parte do espaço acadêmico, refletindo assim, possíveis erros que durante o processo são perceptíveis.

A parte 7 OS ESTUDANTES DO CURSO DE GEOGRAFIA: PERCALÇOS E ESTRATÉGIAS PARA INSERÇÃO NO ENSINO SUPERIOR, traz informações a respeito do nosso corpo acadêmico, quais são os alunos que temos no curso, quem são, de onde são, por que estão, ocasionando através da análise individual a sua perspectiva de construção a identidade do curso de geografia na UFNT, por meio de questões que os fazem refletir como o ensino está presente e como esteve durante o processo de formação, ressaltando a análise familiar, acadêmica e pessoal.

A parte 8 traz o QUESTIONÁRIO, que por sua vez apresenta quais levantamentos obteremos através destas 10 questões, os resultados e a análise de cada ponto da questão em si, como estão divididos os alunos do curso em suas categorias e subcategorias, tal como a sua trajetória de vida a permanência na instituição.

A parte 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS, busca refletir sobre como o trabalho induz a uma reflexão não somente pessoal, mas coletivo, de como nosso curso tal como a geografia tem

um papel fundamental na formação de não somente professores, mas também de indivíduos aptos a discutirem pautas sociais para fora do meio acadêmico, tal como o papel docente em ser um catalizador de ideias e questões sociais que diariamente estão sendo expostas na sociedade local até mesmo a mundial.

A parte 10 em REFERÊNCIAS aplicam-se o acervo de base de construção, tal como o impacto de um conteúdo rico torna-se capaz de construir um embasamento teórico para além da escrita, mas como um meio de construção pessoal e humana, como uma forma de gerar então uma reflexão que por sua vez modifica e acrescenta ideias pertinentes a formação.

2 A CRIAÇÃO E EXPANSÃO DA UFT: O REUNI E A UFNT

Tal percepção nos demonstra que mesmo atualmente muitos jovens no Brasil tem muita dificuldade para ingressar em uma IES, pois muitos nem sequer terminam o ensino médio. Quando observamos a estrutura familiar que compõe a maioria das casas brasileiras, ainda se faz presente um número muito inferior do que o esperado, pois muitas famílias ainda tampouco possui um membro familiar que ingressou ou que concluiu uma graduação. Desenvolver pesquisas sobre esse assunto nos aproxima do conhecimento não somente para análise, enquanto levantamento de dados e pesquisa, mas para discussões sociais de grande importância para nosso país. Devemos considerar também que existe uma grande desigualdade entre os jovens residentes na cidade e no meio rural pois o Plano Nacional de Educação (PNE) destaca a meta de 33,0% de jovens no Ensino Superior entre 2011-2020, porém apenas 4,6% dos jovens residentes em áreas rurais ingressam a universidade. Diante disso podemos nos perguntar: quais obstáculos estão presentes na vida destas pessoas que as impedem de continuar suas trajetórias de educação no ensino superior? Muitos jovens sequer sonham ou almejam o ensino superior pois a realidade social de desfavorecimento onde estão inseridos não permite que outras possibilidades se apresentem.

Diante das observações acima podemos verificar o contexto que demonstra uma realidade pouco atraente e de limitados caminhos para o acesso dos jovens a universidade. Porém ao longo da nossa história, a realidade demonstra um maior número de universidades do que a duas gerações atrás por exemplo; numericamente existe um grande número de universidades em crescimento a partir da década de 1930. Como exemplo podemos citar o governo de Getúlio Vargas, que propôs a criação de cursos superiores com a proposta de qualificar os trabalhadores da administração pública e criação da Lei de Diretrizes Básicas

(LDB) aprovada em 1961 destacava a ideia de transformação de várias escolas de ensino em IES apoiadas pelo governo federal. Neste período, o processo de lutas de estudantes, professores e alguns segmentos da sociedade civil organizada levaram a uma ampliação das universidades no país, sem que com isso fosse suficiente para tornar estas instituições acessíveis à grande parte da população.

A ampliação das universidades no Brasil encontra seu ponto mais alto no ano de 2007 com a criação do REUNI e trouxe muitos desafios quando um público maior passou a acessar as universidades:

“Conclui que o REUNI trouxe avanços quantitativos na expansão de IES públicas federais, o que propiciou a ampliação do acesso à educação superior pública, por parte de estudantes de famílias de baixa renda e em regiões nas quais antes não existia a oportunidade de ingressar na rede federal de educação. Contudo, é importante também sinalizar que a expansão das instituições públicas de educação superior, em âmbito federal, ocorreu mediante a muitos desafios, ainda a serem superados” (FAVATO e RUIZ, p. 448).

A ampliação vem junto a novos desafios e uma das estratégias pensadas para possibilitar o acesso à universidade vem em forma de outro planejamento que recebeu o nome Programa Universidade para Todos (PROUNI) sancionado durante o governo Lula, que primordialmente tem com interesse agrupar alunos que tiveram uma boa nota no ENEM e ingressá-los nas universidades privadas. Este Programa trouxe aumento significativo de estudantes para as universidades privadas pois “os resultados apontam que o PROUNI foi responsável por aumentar as matrículas no setor privado em uma média anual de 5, 15%” (COSTA E FERREIRA, 2017, p. 141). A partir dessa parceria discurrida entre setores da educação incluindo o MEC como base, proporcionou o crescimento do número de jovens que finalmente teriam acesso e direito a ingressar ao ensino superior, mas quais eram estes jovens? A realidade não estava de fato completa, pois a classe social dos jovens que tinham direito a universidade pública era diferente dos alunos que ingressam as universidades privadas, vários motivos estes que não nivelaram a dinâmica, uma matéria da Veja intitulada como “O xis da questão”, traziam o levantamento de que “15% dos alunos pagam escolas particulares no ensino médio, e a maioria é rica. 58% dos alunos ricos estudam de graça em universidades públicas. 85% dos alunos estudam nas escolas públicas no ensino médio, a maioria é pobre. 66% dos alunos pobres pagam para estudar em faculdades particulares” (VEJA, 2006, p.85). A ampliação do acesso à universidade, tanto públicas quanto privadas

Em resumo, o acesso ao ensino superior é muito desigual no país, sendo mais provável entre jovens residentes em áreas urbanas, nas regiões Sudeste, Sul ou Centro-Oeste, do sexo feminino, brancos ou amarelos, com renda domiciliar per capita superior a

um salário mínimo. Entre jovens com essas características, 25,4% cursavam o ensino superior e 9,3% já o haviam concluído. No outro extremo encontram-se os jovens pardos, pretos ou indígenas, com renda domiciliar per capita inferior a um salário mínimo, que representam 38,0% dos jovens entre 18 e 24 anos no país. Para esses jovens, o ensino superior constitui um sonho muito distante, que é alcançado por poucos: menos de 4,1% desses jovens cursavam o ensino superior em 2010, e apenas 0,7% o haviam concluído. (VASCONCELOS, 2016 p. 130)

Diante destas informações ainda presente aos dias atuais, percebe-se uma grande diferença destes alunos que estão nos dois lados das instituições públicas e privadas, pois na análise compreende dois diferentes fatos, um bom preparo no ensino, muitas vezes fornecidas nas escolas privadas levam ao maior número de alunos ricos as universidades públicas e por um outro lado, uma baixa oferta de ensino de qualidade nas escolas públicas levam ao maior número de alunos pobres as universidades privadas, a equidade não representa a realidade da população em geral.

A barreira de classe ao ingresso do ensino superior primordialmente causa um desconforto social, pois como um aluno que ao longo do percurso não teve oportunidade de se desenvolver intelectualmente se sentirá motivado a estar presente em uma universidade? As ampliações de acesso seriam suficientes para uma permanência sem desconfortos e desistências? Políticas educacionais vem sempre sendo pautadas dia após dia, evoluindo-se, porém, em passos lentos, o processo que leva jovens do ensino médio ao superior precisaria ser muito mais equilibrado, oferecendo um acolhimento desde a entrada até a permanência dos mesmos, pois historicamente muitos fatores vão os separando desta modalidade, seja conflitos sociais, poder econômico, renda, trabalho, núcleo familiar e outros mais, os afastam do ingresso. A realidade hoje está longe de ser a ideal, porém ao ser identificados tais problemas trazem a nomeação do que precisa ser ajustado para que mais jovem adentrem ao espaço acadêmico sobretudo com uma classificação representativa de grupos sociais excludentes. As pesquisas sobre o acesso à universidade que se dedicam a observar o acesso de jovens originários das classes populares menciona que:

A restrição do acesso e as condições de permanência desfavoráveis na Educação Superior são dois problemas significativos no contexto brasileiro. Isso se agrava quando estudantes devem superar “barreiras,” quase intransponíveis, para ingressar nas reduzidas vagas das universidades públicas, se comparadas ao amplo número daquelas oferecidas no setor privado (COSTA E FERREIRA, 2017, p. 142)

Diante do contexto acima mencionado apresentamos nosso problema de pesquisa: quais os obstáculos percebidos pelos alunos do curso de Geografia e suas estratégias para a conseguir aprender formas de proporcionar adaptação e adequação às rotinas exigidas por um curso de

ensino superior? No contexto histórico das famílias brasileiras, a inserção de um diploma de nível superior está longe de ser uma realidade, ao realizar uma análise superficial vista de um ponto geral percebemos como o modelo de educação está presente dentro de seus respectivos lares, muitas destas famílias mal alcançaram o ensino médio pois

“O acesso à educação superior por indivíduos pertencentes às classes populares foi por muito tempo na história do Brasil sistematicamente negado a eles.” Diante disso, a educação superior nunca foi prioridade na educação brasileira, visto que o incentivo as classes populares nunca foi para adentrarem a mesma em sua historicidade (DIAS e SILVA, 2018, p. 119)

3 PROBLEMA DE PESQUISA

A partir desta omissão social, qual intuito de não proporcionar a esta população o ingresso no nível superior, apenas mantendo a grande elite que já estava presente nela há séculos?

Ao analisarmos a trajetória acadêmica dos discentes do curso de geografia da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) em Araguaína – TO, facilmente encontramos os maiores pontos de discussão que analisam o motivo e os porquês de estarem matriculados em uma IFES, pois o fato presente, se faz da seguinte forma, fugir de uma realidade no qual este aluno se ausenta em não permanecer mais nela, dito aqui, não exercer hábitos de trabalho braçal que não elevam em nada sua ascensão social, pois em grande parte a ausência de bens e serviços são poucas e quase nulas.

É fundamental pensar sobre a definição de capital herdado e institucionalizado; no nosso caso, o capital cultural e escolar. As diferenças não explicadas, através da relação com o capital escolar e que estão intimamente ligadas com a origem social, desvendam-se na maneira como o capital cultural foi adquirido (MELO e ARAÚJO, 2019, p. 64)

São fatores como estes citados que justamente afastam o estudante desta inclusão, muitos chegam no espaço universitário com pouca experiência em leitura, em conhecimento sobre autores, em experiências ou práticas educacionais, conseqüentemente tal situação os impede de estar preparados, ocasionando assim em uma modelação, preparando-os para criar um intelecto muito mais refinado e aguçado. Visto assim, com facilidade percebemos que há muitos alunos matriculados no curso superior de classe social baixa, logo percebemos que o estudo adquirido anteriormente à entrada na universidade também se baseia nas escolas públicas

Há muito o que discutir, pois sabendo da origem familiar, o contexto social, a prática educacional e o ingresso ao meio no ensino superior, visivelmente percebe-se um processo de perca ao longo desta trajetória que se faz gigante, o processo de adequação ao nível superior torna-se um desafio imposto ao mesmo, ocasionando assim a sua progressão. Portanto

a questão é complexa, pois é preciso evitar, também, que as análises recaiam num outro extremo. Ou seja, desconsiderar o peso, ainda que não determinante, que o lugar social ocupado por esse grupo tem, quando se trata das possibilidades e limites em construir uma dada condição juvenil, num cenário em que está em jogo a combinação entre projetos de futuro e resultados imediatos. (SAMPAIO, 2011, p.17.)

A partir desta ideia, compreende-se muito a discussão, este aluno ingresso necessita de apoio e políticas educacionais muito específicas que suportem a sua capacidade de inclusão na instituição de chegada, incentivos que gerem um despertar a este jovem, fazendo com que o mesmo se sinta capacitado para criar suas próprias discussões dentro do saber ao qual passa a ter contato, avançando então nesta nova trajetória acadêmica. As políticas educacionais existentes hoje, permitem estes jovens terem acesso a uma IES citado aqui como públicas, possuem de fato um apoio durante o processo acadêmico no decorrer do ensino-aprendizagem?

De acordo com Nierotka e Trevisol (2016), é possível afirmar a longa e histórica exclusão social e educacional das populações negras e indígenas. Logo, se a parte que mais foi excluída no decurso do tempo, não está totalmente representada nas IES, o motivo esclarece que não há um total controle ou apoio de quem deveriam apoiar, citado aqui o estado.

Portanto há uma parcela muito pouco representada destas classes, que mesmo ao ingressarem e ao se adaptarem, estão longe de estar totalmente preparados, terminar o ensino médio nem sempre será uma garantia de sucesso em uma IES pública, pois compreende-se muito a falta que existe nessa trajetória:

de acordo com os dados, são estudantes trabalhadores, oriundos de famílias com baixa renda e pertencentes às classes D e E. A gratuidade da educação superior pública é apropriada, neste caso, pelos setores sociais que mais precisam do financiamento público. O elitismo abre espaço para concepções mais democráticas e inclusivas de ensino superior. (NIEROTKA e TREVISOL, 2016, p.27.)

Levantar estas discussões pode ajudar a pensar no modelo educacional atual e o que pode ser melhorado para que permita aos alunos ingressantes o direito de ocupar e utilizar o acesso à educação como um objeto que os elevem o intelectual e seja capaz de transformar a realidade de vida que os mesmos estavam programados. Portanto nosso problema de pesquisa é o seguinte: quais os obstáculos percebidos pelos alunos do curso de licenciatura em Geografia do Campus de Araguaína da UFNT para acessar e permanecer na universidade?

4 OBJETIVOS

4.1.1 Objetivo Geral

Analisar a trajetória acadêmica de afiliação dos estudantes de geografia da UFNT entre as turmas dos anos 2018 e 2022 do 1º ao 8º período, as dificuldades relatadas para adaptação à vida universitária e as estratégias construídas para o enfrentamento do problema.

4.1.2 Objetivos Específicos

- 1 – Identificar o local de residência e conclusão do ensino médio, para visualizar possíveis deslocamentos inter e intramunicipais.
- 2 – Delimitar o perfil de escolarização dos pais e/ou familiares responsáveis que residem no mesmo imóvel.
- 3 – Traçar os desafios que fazem com que os alunos progridam dentro do ensino universitário, analisando o percurso deste período para manutenção do mesmo.
- 4 – Realizar um levantamento cronológico do total de alunos participantes a fim de compreender a adequação ao curso de geografia.

5 METODOLOGIA

Este trabalho tem como objetivo delimitar dados e informações a respeito da trajetória estudantil construída no momento de transição do segundo grau para a universidade, quais fatores se apresentam como obstáculos e quais as estratégias constituídas por estes alunos para permanecerem na universidade. Evidenciamos também que em dados momentos o período de pandemia provocado pela Covid-19 e seus enfrentamentos trouxe o desafio proporcionado pelo ensino remoto. Sob estas informações preestabelecidas o desenvolvimento deste projeto terá como base artigos, livros e revistas que dissertam sobre o tema que selecionamos. A pesquisa a ser realizada baseia-se no método qualitativo a partir da aplicação de questionário, que buscará dados coletados a partir das turmas do curso de geografia no espaço entre os anos de 2018 a 2022, por via de formulários online e/ou entregues aos mesmos, a ideia firma-se diante das questões compostas com dados do aluno, família, local, entre outros.

Pretendemos assim construir um levantamento correlacionado com a vivência atual estudantil. De acordo com Bandeira (2003)

“Dependendo do tema subjacente, as alternativas podem, além da dimensão ‘aplicar-se’, seguir dimensões como: ‘bom — ruim’ ou ‘concordo — discordo’. Muitas vezes a dimensão utilizada é apenas uma consequência da reformulação do estímulo/item.” (BANDEIRA, 2003, p. 12)

O modo como Bandeira (2003) discorre as informações sobre a pesquisa, complementa o que de fato o texto demanda a partir da ideia principal de coletar dados do aluno, tais como os mencionados acima, procurando fortalecer o conjunto de informações que permitem compreender melhor o âmbito acadêmico no qual os alunos do curso de geografia estão inseridos, diante dos fatos explanados, a compreensão abrange resultados que qualificam a pesquisa.

As perguntas realizadas no questionário permitem ao entrevistado compreender e rever o olhar para si enquanto estudante, por meio destas orientações pré-determinadas no questionário, que atribuem e cedem ao entrevistado escolher uma ou mais opções diante desta análise. De acordo com Nogueira (2002),

Os questionários fechados, que apesar de se apresentarem de forma mais rígida do que os abertos, permite a aplicação direta de tratamentos estatísticos com auxílio de computadores e elimina a necessidade de se classificar respostas à posteriori, possivelmente induzindo tendências indesejáveis; (NOGUEIRA, 2002, p.02)

Assim estabelecendo o caminho que procuramos discorrer sobre como coletar dados para esta pesquisa, buscamos compor uma conexão com o objetivo que esperamos alcançar, tal como as informações expostas na conclusão do mesmo, enriquecendo e fortalecendo a mesma. Diante destas informações compreende-se quais aspectos devem ser levados em consideração no ato da construção, complementando as bases informacionais na elevação e êxito no processo da pesquisa, sobretudo quando analisamos as questões levantadas e as que fortalecem os dados, aplicando-se as fontes que delimitam a pesquisa e contribuem ao saber das bases, que usamos muitas vezes para o acompanhamento cronológico da pesquisa mencionada.

A ideia do formulário surge com uma base de construção que capta a evolução da coleta e que seja de fácil acesso para respondê-las, como mencionado, poderá ser realizada online ou impressa (a definir), portanto, quando analisa as informações e as agrupam, constrói-se um agrupamento rico com boas informações.

Outro aspecto a ser observado é a quantidade de questões. O pesquisador deverá formular questões em número suficiente para ter acesso às respostas para as perguntas formuladas, mas também em número que não seja grande a ponto de desestimular a participação do investigado. (CHAER, DINIZ e RIBEIRO, 2011. p.263)

Assim a proposta é captar percepções dos alunos o 1º ao 8º período do curso de geografia, para compreender melhor as suas individualidades diante do momento de transição entre o ensino médio e o ensino superior buscando perceber suas trajetórias de adaptação à vida universitária.

6 A AFILIAÇÃO E ASSIMILAÇÃO DO OFÍCIO DE ESTUDANTE

Como fundamentação teórica utilizaremos o conceito de *afiliação* do sociólogo francês Alain Coulon, no sentido de aquisição dos trâmites e posturas para instrumentalizar os estudantes para a assimilação do *ofício de estudante*.

Diante deste contexto, o ato de afiliar-se que o sociólogo Alain Coulon redige está diretamente ligado em como o estudante está conectado com a vida acadêmica, através da compreensão, da fala, da leitura, hábitos comuns que estão diariamente compostos no meio universitário. Partindo deste ponto, inserir este aluno que saiu recentemente do ensino médio e ingressou em uma universidade, envolve fatores não habituais, no qual o mesmo nunca vivenciou, pois compreende-se que neste momento o aluno inserido na graduação deve saber assimilar questões etimológicas muito presente em todo este contexto.

Coulon (2017) menciona que a aprendizagem humana é sempre constitutiva desses etnométodos. Pois acredita-se que a sociedade no qual o indivíduo está inserido, permite ao mesmo ser um mentor destas apropriações, incluindo aqui as educacionais. Não basta somente incluir alunos no meio estudantil, mas deve-se também questionar e discutir como abranger ideias capazes que este saiba dissimilar e compreender onde o ensino está presente, criando assim um conhecimento firmado na evolução e capacidade de assimilar novas ideias. Portanto

Ser membro é poder produzir objetivamente o saber de senso comum de sua sociedade ou de seu grupo, é possuir esse conhecimento “vulgar” que nos permite, simultaneamente, compreender e produzir o fenômeno cotidiano da ordem social. (COULON, 2017, p.1244.)

O problema aqui trabalhado trata-se da inserção do indivíduo no meio de estudo acadêmico. As universidades brasileiras participam desta construção a partir do momento que as mesmas recebem estes alunos oriundos de vários grupos em seus núcleos familiares, econômicos e sociais. Quando voltamos nosso olhar para estes fatores que atualmente compreendemos sobre a nossa educação, relativamente vemos um crescimento de grupos a partir dos meios de acesso que as universidades ofertaram por meio destes projetos, citados aqui

com exemplo: cotas raciais, educacionais, econômicas e outros. Os elevam a um local antes nunca visto, pois oferecem oportunidades educacionais aos mesmos, para construir um saber além da realidade vivida por gerações em seu seio familiar. Coulon afirma ainda que

nem sempre esses estudantes tinham o nível requisitado e um certo número de hábitos culturais e sociais que não lhes facilitavam a entrada nesse meio universitário. Atualmente, esses fenômenos persistem. É durante o primeiro ano que as coisas são mais difíceis. (COULON, 2017, p.1241.)

Se ao início de trajetória acadêmica este processo se apresenta como problema, devemos então levantar evidências que provam o quão abrangente a continuação dentro do meio acadêmico deve ser analisada, para que não gerem situações que façam o estudante fugir deste ambiente “novo” e parta para a desistência ou o velho ambiente que o mesmo estava acostumado. Conforme Coulon (2017),

Os novos estudantes experimentam um tempo de estranheza, ao longo do qual sentem-se separados de um passado familiar que eles devem esquecer. Em seu novo universo tudo lhes parece estranho: o ritmo das aulas não é mais o mesmo, as regras mudaram, as exigências dos professores também mudaram, ao ponto em que certos estudantes se perguntam o que realmente devem fazer; (COULON, 2017, p.1246.)

A partir desta compreensão analisamos o quão grave pode ser a problemática envolvida quando trazemos estes dados a nossa realidade, muitos fatores devem ser discutidos quando conhecemos o público que trazemos as universidades, a realidade local passa a ser muito relevante. Nosso trabalho será desenvolvido na Universidade Federal do Norte do Tocantins, local acadêmico localizado no interior do estado do Tocantins na cidade de Araguaína que oferece em sua grande maioria, cursos de licenciatura, com alunos residentes na cidade sede e arredores, oriundos de área rural e urbana, com alunos pertencentes a uma classe social no modo geral baixa. Ao conhecer estes alunos, visivelmente compreendemos as suas origens juntamente com a bagagem de existências que os mesmos trazem consigo.

Assim como o Espaço utilizado na geografia que significa sobretudo a interação entres os elementos naturais e os elementos culturais, confirma que o ambiente estudantil no qual os alunos estão inseridos fazem parte deste meio, sendo também uma das formas de discutir este processo pois

de modo semelhante, a afiliação institucional é considerada bem sucedida quando o estudante consegue interpretar, usar e jogar com as regras da instituição, descobrir aquelas que estão escondidas e utilizá-las na construção individualizada de seu percurso.; (SAMPAIO e SANTOS, 2012, p.207.)

Quando observamos este processo, a nova postura deve se tornar hábito comum e cotidiano dos universitários, pois a prática eleva a um lugar jamais conhecido, com diversas oportunidades, que se assemelham ao êxito. Somos testemunhas da tenacidade com que eles se

apegam ao que consideram “uma oportunidade única” em suas vidas de acordo com o que nos dizem Sampaio e Santos (2012). A discussão sobre a distância percorrida por estes alunos que necessitam deste apoio estudantil, por meio de programas sociais ofertados pela universidade está longe de ser adequado, pois existe demora no processo de divulgação e existem ainda elementos que dificultam essa oportunidade. Ferreira (2017) nos diz que

a universidade precisa se responsabilizar por estes elementos estruturais e simbólicos que incidem sobre a construção da identidade de estudante, caminhando para a transformação, e mesmo o combate à estas práticas que dificultam uma transição mais tranquila e que colabore para a afiliação. (FERREIRA, 2017, p.296.)

Conhecer a origem dos estudantes torna-se um ponto fundamental para pensar em ideias de adequação, a partir do momento da matrícula conhecemos suas origens, a lei de cotas torna-se um forte aliado a esta análise. Outro fator que levamos em consideração a recepção destes alunos por meio das calouradas, inserindo-os com os demais discentes, conhecendo melhor o curso e o espaço acadêmico que o mesmo está matriculado, o apoio humano torna-se então um forte aliado nesta fase. Ferreira (2017) menciona ainda,

Considerando isto, é importante que as universidades encarem este momento com a importância devida, produzindo um acolhimento que fortaleça nos alunos, e em suas famílias, a sensação de conquista decisiva, mas que deve ser acompanhada de uma nova postura e de novas responsabilidades, com a universidade e com o grupo em que estará inserido. (FERREIRA, 2017, p.302.)

Com este apoio dos pilares, social, político e afetivo, o processo de afiliação resulta na composição de sucesso, pois compreendendo a discussão e apoiando este aluno do início do processo ao final, evidencia-se mais uma vez que o papel da universidade abrange os dados mais importantes neste grupo, pois o aluno que se sente como parte do meio firma-se no processo acadêmico de forma mais sólida, prevenindo assim sua evasão.

Coulon (2017) defende que ser afiliado é ter adquirido a fluência que se funda na atualização dos códigos que transformam as instruções do trabalho universitário em evidências intelectuais e que, portanto,

O novo estudante deve, em particular, descobrir as rotinas, as evidências, as regras, os novos códigos da universidade. Por exemplo, o trabalho intelectual que não é explicitamente solicitado pelos professores e que é, contudo, indispensável ao sucesso. (COULON, 2017, p.1243.)

Exemplificando a partir do contexto acima podemos afirmar que o papel do ambiente universitário gera sobretudo o efeito de transformação, pois mesmo com todas estas lacunas advindas de um passado familiar de muita fragilidade, a possibilidade de sucesso gera-se no

contexto de assimilação de novos hábitos e gera possibilidade para a mudança dentro do contexto social do aluno.

O ensino superior no Brasil apresenta significativas alterações em um contexto não muito distante do que vivemos hoje. Ao analisamos a estruturação do sistema de ensino público em nosso país, juntamente com o início da ampliação do acesso às universidades, que de fato tornou-se evidente apenas a partir da segunda metade do século XX, constatamos que se constituem possibilidades de acesso às classes populares muito recentemente. Sendo assim, ainda durante as primeiras décadas do século XX, a universidade brasileira se apresentava a partir das seguintes maneiras:

as principais críticas ao modelo universitário eram: a instituição da cátedra, a compartimentalização devida ao compromisso com as escolas profissionais da reforma de 1931 (que resistiam à adequação e mantinham a autonomia), e o caráter elitista da universidade. (FRANCO, 2008, p.26).

Ainda durante a década de 1930 e sob o governo Vargas inicia-se o desenho da universidade pública brasileira presente ainda atualmente. Cria-se a Universidade do Brasil que

fixaria um padrão único de ensino superior para todo o país, baseado na existência de uma cidade universitária cujo núcleo de integração seria uma faculdade de filosofia, ciências e letras. No caso da Universidade do Brasil, essa faculdade se formaria pela união de 15 escolas ou faculdades, novas ou não, e 16 institutos, além do Museu Nacional. (Memorial da Democracia - A Universidade do Brasil é fundada)

Junto desse modelo se institui a perspectiva excludente pois o mesmo surge em contraposição à proposta estruturada por Anísio Teixeira através da Universidade do Distrito Federal pois

Tanto a Universidade de São Paulo (USP), criada em 1934, como a Universidade do Distrito Federal (UDF), organizada em 1935 no Rio de Janeiro, foram, até certo ponto, esforços institucionais para atender aos anseios de modernização expressos pelos intelectuais e educadores na segunda metade da década de 20, quando houve um vigoroso debate nacional sobre a educação que nos convinha, com a destacada participação dos partidários da *escola nova*. Os debates realizaram-se sob inspiração da Associação Brasileira de Educação (ABE), fundada em 1924, e grande parte das críticas se dirigiam ao "arremedo" de universidade que, afinal, aqui se estabelecera. (VICENZI, 1986, s/n)

Permanece com característica marcante de nosso sistema de ensino superior público a exclusão social e os significativos conjuntos de obstáculos a serem enfrentados por jovens de classes sociais menos favorecidas economicamente.

desde o vestibular, momento de aproximação do estudante com a instituição, pode-se perceber um grau de seletividade prévio, observando-se grande concentração de candidatos de alto poder aquisitivo em cursos de elevado prestígio social, para os quais são selecionados os que obtêm rendimento excelente nas provas. Em oposição, observa-se também a preferência dos concorrentes da classe média baixa por cursos

de baixo prestígio social, nos quais pode-se obter a vaga com desempenho mediado. (FRANCO, 2008, p.37 e 38).

A desigualdade de níveis sociais no país está diretamente ligada ao modo como o acesso à educação se limita a determinados grupos sociais, pois a conjuntura de fatores ao longo do trajeto passa a ser uma barreira de ingresso destes jovens que almejam um curso superior como um fator capaz de transformar a sua realidade.

Fica evidente, portanto, que jovens que cursam o ensino superior constituem uma parcela pequena da juventude brasileira, com predominância urbana e de classes sociais superiores. (VASCONCELOS, 2016, p.130.)

O espaço universitário, para alunos de grupos sociais mais baixos apresenta-se como local de estranhezas no primeiro contato. A inserção passa por uma necessidade de ajustes a uma rotina nova, pois não se compreende uma grande familiaridade o novo local. Nas rotinas estudantis universitárias há sempre um debruçar sobre pensamentos, ideias, autores e muito referencial teórico para a construção do saber, em quaisquer que sejam os cursos da graduação. A superação de tais situações é constatada na literatura que estuda o tema:

além da meta quantitativa de expansão do ensino superior, uma das questões que se coloca é a redução das desigualdades de acesso segundo características socioeconômicas. (VASCONCELOS, 2016, p.126.)

Ao discorrer sobre o acesso dos mesmos, os estudantes de classes populares à universidade, observa-se o acesso a cursos de menor prestígio social, mas que se apresenta como possibilidade de garantia de portar um diploma de ensino superior e conseqüentemente melhores possibilidades de inserção no mundo do trabalho. Ao contrário dos alunos com alto poder aquisitivo, que apenas escolhem cursos de alto prestígio social, dado que isso torna-se quase um dever, usufruir da bagagem mais elaborada que os mesmos puderam herdar ao longo de suas trajetórias estudantis.

Esses indicadores, portanto, nos levam a concluir que as diferenças existentes entre os mais ricos e os mais pobres no acesso ao ensino superior são bem mais acentuadas do que aquelas observadas entre brancos e não brancos, sejam elas no grupo mais rico da população ou no grupo mais pobre. (ANDRADE, 2012, p.23.)

Sob um olhar mais crítico, vale dizer que qualquer curso da graduação que o mesmo seja aceito já deve ser comemorado em seu meio, pois a historicidade familiar de alunos universitários originários de camadas populares não apresenta pessoas ingressantes ao ensino superior.

As políticas públicas preexistentes no ensino superior no Brasil buscam alterar essa ordem, mesmo não sendo um perfeito modelo de acesso. Os meios de ingresso às universidades vêm ano após ano abrindo muitas portas.

Apesar de a origem de classe ainda exercer um enorme efeito sobre as possibilidades de ingresso, o acesso aos níveis mais elevados de ensino tornou-se mais democrático ao longo das últimas décadas. (SALATA, 2017, p.234.)

Ressaltando o que já vem sendo discutido, o caminho não se torna mais fácil aos alunos de classes populares, muito pelo contrário, a permanência nos novos espaços educacionais exige muito mais das suas rotinas que muitas vezes devem conciliar trabalho, estudo, locomoção, e outros fatores comuns no cotidiano destes.

Desde então, portanto, duas características têm marcado o sistema de Ensino Superior brasileiro: a primeira é sua expansão tardia e, ainda hoje, discreta, quando comparada a outros países; a segunda é a presença marcante do setor privado, que hoje é responsável por um percentual de matrículas maior que o do setor público. (SALATA, 2017, p.224.)

O desejo de portar um local de mais conforto, melhor aceitação e com menor desigualdade social, faz com que estes alunos oriundos de um meio menos favorecido, desejem além de adquirir um diploma, a garantia da manutenção de melhores oportunidades, mas também um maior zelo ao que diz respeito às suas expectativas, importante fator que desperta o anseio do novo e do possível. Ao ingressar na universidade este aluno deseja além dos fatores mencionados, uma conquista pessoal, para que consiga sair do meio social no qual sempre viveu para um local onde há um sustento que favorece mais que uma boa remuneração em sua profissão, mas também moradia, alimentação, conforto adequado e lazer.

Porém nem todos estes alunos estão no ensino superior público, muito pelo contrário, a sua maioria está presente em faculdades particulares, usufruindo de mecanismos sociais ofertados até mesmo pelo governo, como no caso o FIES que seria o Fundo de Financiamento Estudantil, um tipo de política pública ofertada por meio do Ministério da Educação.

Finalmente, o Fies, regulamentado em 1999, visa conceder financiamento a estudantes matriculados em instituições privadas de Ensino Superior, cujo curso tenha obtido avaliação adequada pelo governo (SALATA, 2017, p.235.)

Ao levantar os dados, fornecidos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) traz dados do ensino superior até o ano de 2019 e publicados no ano de 2020, onde houve um crescimento representativo de matriculados entre

instituições públicas e privadas. Com destaque onde somam 3,6 milhões de matriculados somente no ano de 2019, onde 3 milhões destes estão no ensino privado e 600 mil no ensino público. O mesmo censo de 2020 também aponta que há 2.306 instituições privadas e 302 instituições públicas, questões que se discutem a partir do momento da facilidade de acesso, como o Prouni e Fies que corroboram para estes levantamentos tão expressos em sua maioria.

Dados levantados acima contribuem para um pensamento mais elaborado, porque há uma porcentagem de alunos tão alta nos setores de ensino privado e não há o mesmo número do setor de ensino público. Debate este que nos leva a pensar que os caminhos e a facilidade de acesso não são os mesmos.

Apesar de ter havido expansão do sistema de Ensino Superior brasileiro em todo o período aqui analisado, foi somente na última década que essa expansão foi acompanhada de uma maior democratização do acesso a este. (SALATA, 2017, p.237.)

Se olharmos a trajetória estudantil ao longo dos 100 anos, a mudança começa a acontecer de fato entre o ano de 2005 a 2015, com um maior número representativo de classes populares nas IFES, cenário este que tem como dever contribuir para que mais números de alunos de classes menos favorecidas possam usufruir de um ato democrático, aqui mencionado o direito e o acesso à educação em todos os níveis, não somente até o ensino médio ou técnico.

Tal mecanismo, então, explicaria o motivo pelo qual somente entre 2005 e 2015 encontramos redução significativa das desigualdades de acesso ao Ensino Superior, condicionais à conclusão do Ensino Médio. (SALATA, 2017, p.241.)

O caminho da ascensão intelectual existe e de fato funciona para diversos alunos ingressantes, mas o debate hoje consiste na manutenção, de garantir o pleno direito ao ingresso e a permanência, favorecendo que os estudantes saiam do ensino médio com desejo da continuidade, aqui relatado a um ensino superior que fomente a trajetória intelectual, ofertada por políticas públicas com destaque na educação, como meio de elevar o mesmo a níveis do avanço estudantil.

No que concerne ao Ensino Superior no Brasil, a principal barreira de classe continua se dando no ingresso em si – incluindo aqui a passagem pelas barreiras precedentes, que tornam o jovem apto ao ingresso. (SALATA, 2017, p.243.)

Como mencionado na discussão acima, um importante passo seria garantir o direito e o acesso, para que isso não seja velado ou escondido aos olhos dos que mais interessam, a população de classes populares. O fato dessas políticas de ingresso existirem, não é garantia de que estão disponíveis a todos pois mesmo com muitas adequações como ENEM e outros vestibulares da

própria instituição, aos olhos de quem nunca tratou a educação com familiaridade, pode-se pensar o quão difícil seria o ingresso e o processo até a matrícula e sua permanência. Portanto,

é plausível supor que, em se continuando o processo de redução das barreiras de acesso, os efeitos de origem social sobre a rede de ensino – ou a qualidade do acesso – se tornem mais acentuados nos próximos anos. (SALATA, 2017, p.243.)

A discussão persiste, pois só há um meio de alterar um ciclo não-favorável, que seria a persistência da oferta da educação como modo de ascensão social, que permite com que as IFES sejam vistas como oportunidades de crescimento para além do seu meio, portando de características que elevem principalmente o seu intelecto.

7 OS ESTUDANTES DO CURSO DE GEOGRAFIA: PERCALÇOS E ESTRATÉGIAS PARA INSERÇÃO NO ENSINO SUPERIOR

Este trabalho tem como objetivo delimitar dados e informações a respeito da identidade estudantil construída ao longo da trajetória acadêmica e quais fatores que fazem estes alunos ingressarem a uma universidade e se instituírem na mesma. Para elaboração deste trabalho foi necessário construir uma base teórica, fundamentada em dados reais de alunos do curso de geografia especificamente da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) em Araguaína – TO, quais dificuldades estes alunos encontram a partir do momento do ingresso, a permanência e a conclusão do curso, evidenciando em dados momentos o período de pandemia vivido pela Covid-19 e seus enfrentamentos diante do ensino remoto. Sob estas informações preestabelecidas o progresso do mesmo baseia-se sobretudo em artigos, livros e revistas que dissertam e aprofundam a ideia inicial.

A pesquisa realizada baseia-se no método qualitativo, que utiliza dados de campo coletados a partir das turmas do curso de geografia no espaço entre os anos de 2018 a 2022, por via de formulários online e/ou entregues aos mesmos, a ideia firma-se diante das questões compostas com dados do aluno, família, local, entre outros. Construindo assim, um levantamento correlacionado com a vivência atual estudantil. De acordo com Bandeira (2003) “Dependendo do tema subjacente, as alternativas podem, além da dimensão ‘aplica-se’, seguir dimensões como: ‘bom — ruim’ ou ‘concordo — discordo’. Muitas vezes a dimensão utilizada é apenas uma consequência da reformulação do estímulo/item.”

O modo como Bandeira (2003) discorre as informações sobre a pesquisa, complementa o que de fato o texto demanda a partir da ideia principal de coletar dados do aluno, tais como

os mencionados acima, procurando fortalecer o conjunto de informações que permitem compreender melhor o âmbito acadêmico no qual os alunos do curso de geografia estão inseridos, diante dos fatos explanados, a compreensão abrange resultados que qualificam a pesquisa.

As perguntas realizadas no questionário, permitem ao entrevistado compreender e rever o olhar para si enquanto estudante, por meio destas orientações pré-determinadas no questionário, que atribuem e cedem ao entrevistado escolher uma ou mais opções diante desta análise. De acordo com Nogueira (2002),

Os questionários fechados, que apesar de se apresentarem de forma mais rígida do que os abertos, permite a aplicação direta de tratamentos estatísticos com auxílio de computadores e elimina a necessidade de se classificar respostas à posteriori, possivelmente induzindo tendências indesejáveis; (NOGUEIRA, 2002, p.02)

Assim estabelecendo o que procuramos discorrer ao coletar esta pesquisa, compõe uma ideia concreta com o objetivo esperado, tal como as informações expostas na conclusão do mesmo, enriquecendo e fortalecendo a mesma.

A construção de questionários não é considerada uma tarefa fácil. Além disso, não existe uma metodologia padrão para o projeto de questionários, mas sim recomendações de diversos autores com relação a essa importante etapa do processo de coleta de dados. O sucesso dessa etapa da pesquisa é fundamental para que a que os dados coletados atendam às necessidades do processo de análise. (GIRO R, 2007, P.02)

Diante destas informações compreende-se quais aspectos devem ser levados em consideração no ato da construção, complementando as bases informacionais na elevação e êxito no processo da pesquisa, sobretudo quando analisamos as questões levantadas e as que fortalecem os dados, aplicando-se as fontes que delimitam a pesquisa e contribuem ao saber das bases, que usamos muitas vezes para o acompanhamento cronológico da pesquisa mencionada.

A ideia do formulário surge com uma base de construção que capta a evolução da coleta e que seja de fácil acesso para respondê-las, como mencionado, poderá ser realizada online ou impressa (a definir), portanto, quando analisa as informações e as agrupam, constrói-se um agrupamento rico com boas informações.

Outro aspecto a ser observado é a quantidade de questões. O pesquisador deverá formular questões em número suficiente para ter acesso às respostas para as perguntas formuladas, mas também em número que não seja grande a ponto de desestimular a participação do investigado. (CHAER e DINIZ, 2011. p.263)

Assim como a ideia se mantem, a pretensão ocorre ao captar dados dos alunos o 1º ao 8º período do curso de geografia, para compreender melhor as suas individualidades compostas de informações que equivalem ao retrato real do corpo discente.

A pesquisa será de ordem qualitativa e buscará traços biográficos dos discentes participantes. A metodologia de pesquisa consiste em realizar levantamento prévio acerca das turmas compreendidas entre os anos de 2018 e 2022 e encaminhar questionário on-line composto de perguntas de escolha única e múltipla escolha.

A compreensão sobre a trajetória destes estudantes desde o primeiro momento até o final, intercalando o período pandêmico resultado em dados distintos, pois cada um em sua individualidade demonstrou diferentes informações, que contribuíram para a análise. Ao todo, foram contabilizadas 57 respostas pelo formulário online do Google, onde cada um tinha a liberdade de responder perguntas que variavam entre obrigatórias ou com mais de uma opção.

A construção das categorias de análise para obtenção dos resultados, traz a minuciosidade a partir de onde compreende o seu local, a sua vida pessoal e processo de adaptação do curso, tal como seu percurso e sua visão sobre o coletivo, mencionados aqui as seguintes direções:

- 1 – Grau de escolaridade das pessoas que residem com o respondente
- 2 – Dificuldade para adaptação ao curso
- 3 – Fatores que dificultam a compreensão da vida acadêmica
- 4 – Percepção sobre o ensino híbrido que foi desenvolvido durante o período de pandemia
- 5 – Percepção quanto à trajetória acadêmica dos colegas de curso
- 6 – Estratégias utilizadas para adaptação ao curso

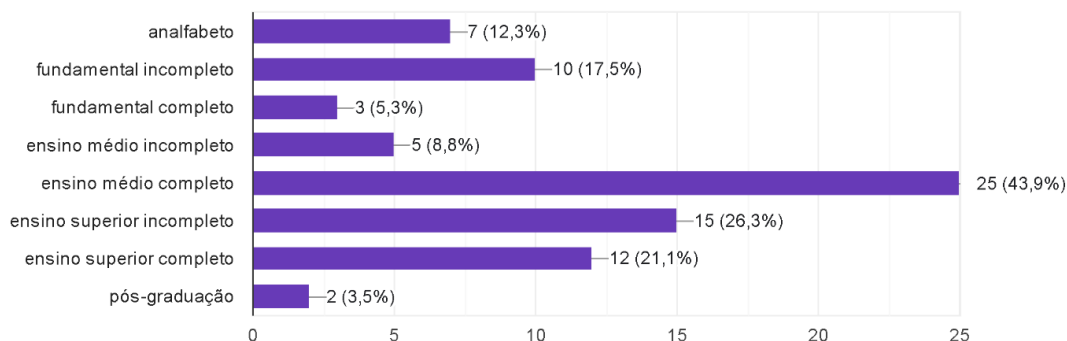
Assim compreendido estes tópicos vamos aos resultados, que por sua vez discute dados importantes obtidos por cada aluno voluntariado que se dispôs a expor seus enfrentamentos para serem pautados e discutidos como meio de análise e reflexão.

A idade dos alunos que se disponibilizaram a responder variavam entre 18 a 50 anos, nascidos no município de Araguaína – TO e entorno, mas também de outros estados, como Maranhão, Pará e Brasília. Entre o total 17 voluntariados residiam em Araguaína, sendo que a maior parte utilizava da cidade apenas como meio opcional de estudo, para que posteriormente voltassem as suas cidades de origem. Apenas 7 destes voluntariados não moravam com alguém de vínculo familiar, portanto, 50 outros conviviam com algum parente próximo do seu núcleo familiar.

7.1.1 Categoria 1 - Grau de escolaridade das pessoas que residem com o respondente

Grau de escolarização das pessoas que residem com você

57 respostas



Fonte: FERREIRA, Makes Darley Oliveira, 2022.

Ao analisarmos o gráfico, fica perceptível como o ensino superior não está presente no seio familiar de quase nenhum destes alunos, em sua grande maioria seus pais possuíam apenas o ensino médio ou menos que isso.

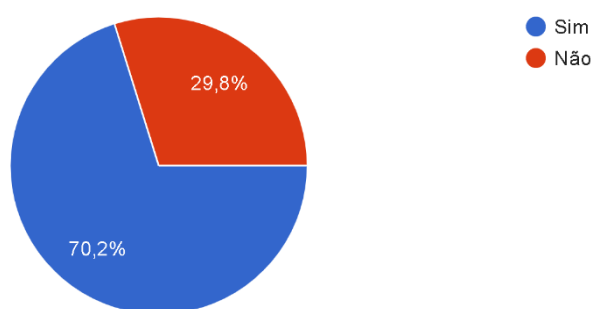
Ao levantarmos o grau de escolaridade das pessoas que residem com o estudante, traz como objetivo compreender quem são e como se estruturam o núcleo familiar do estudante, se são pertencentes a sua grande maioria as classes populares, como a historicidade por muitas das vezes facilmente se apresenta e também repete ao longos dos anos e em grupos familiares diferentes, como o aluno se tornar o primeiro ente da família a ingressar a umas IFES e a importância de estar no ambiente acadêmico e como isso passa a ser inclusive uma questão a ser celebrada dentro de seu lar, a análise do meio social, os motivos dos pais e avós não possuírem as mesmas oportunidades na sua juventude, que por inúmeras vezes está voltado ao trabalho do campo, gerando assim uma reflexão longitudinal, que por sua vez antecede ao processo de expansão das universidades mencionados na escrita deste trabalho e como ainda torna-se possível compreender estes assuntos.

Podemos assim obter conclusões de como o ensino universitário transforma realidades que não estavam jamais inclusas no meio familiar, a partir do momento que há essa expansão, há também o ingresso dos mesmos, discutindo e acrescentando a realidades opostas o direito do ensino e da sua construção dentro do meio intelectual, como uma etapa para além das paredes da sala de aula na universidade, mas para que isso também reflita dentro do seu meio, dentro da sua casa e também a sociedade no qual está inserido.

Portanto, a ampliação de acesso deste novo aluno, que por parte da sua família não esteve em nenhum momento incluído ao direito do ensino, passa a ser uma questão de celebração, para o ambiente que o mesmo está incluso.

7.1.2 Categoria 2 - Dificuldade para adaptação ao curso

Enfrentou alguma dificuldade para se adaptar ao curso?
57 respostas



Fonte: FERREIRA, Makes Darley Oliveira, 2022.

Ao serem questionados sobre a adaptação no curso, de modo geral houve uma boa adaptação, mesmo que para 29,8% destes tiveram alguma dificuldade particular, como no ensino, compreensão e outros.

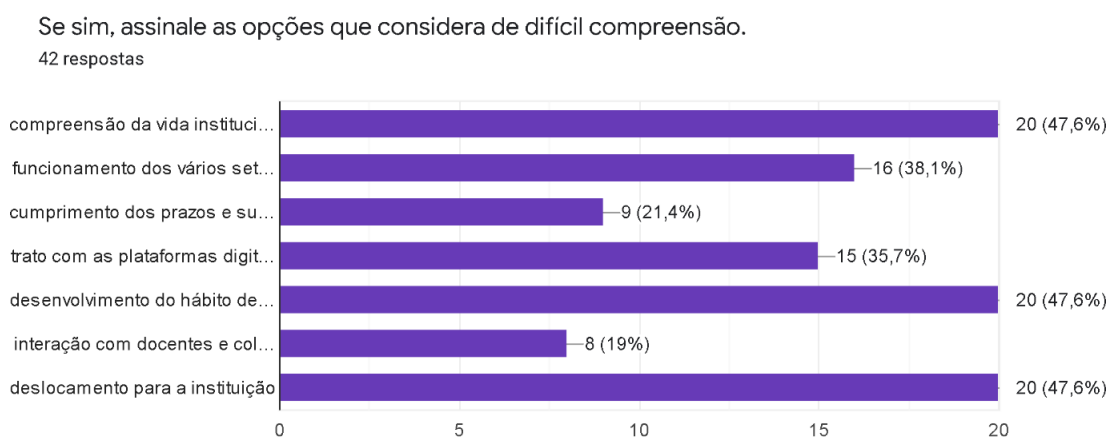
A segundo tópico discute-se muito o processo de adaptação ao curso, por qual motivo o ambiente passa a não ser fácil deste o primeiro instante. Para isso, importante destacar que o ambiente acadêmico exige muitas vezes uma séria de exercícios mentais para a compressão ou abordagem de determinado conteúdo, como isso delibera as ideias a acrescenta sob o olhar uma crítica construtiva para sua ascensão. De fato, se adaptar exige um domínio que só se adquire na prática, pois em nenhum momento um aluno chega preparado e totalmente familiarizado com a discussão ali estabelecida. Para este conteúdo proposto, exige mais uma vez tempo e dedicação para que seja satisfatório o processo de ensino ofertado pela instituição e o de aprendizagem por meio do aluno interessado naquele objetivo, a sua capacidade de compreender os fatos, ideias, análises, tudo isso passa a fazer parte da sua rotina, que abrange momentos para além do período de estudo interno, para que vai para o externo e em muitas

vezes para o ensino de campo, que traz a realidade na prática, seja por meio de análises de solo e muitas vezes análises de comportamentos sociais de determinados grupos de povos.

Este processo inclui mais uma vez a compreensão no seu todo, e como a difícil caminhada no percurso da graduação deve estar diretamente adaptada a possíveis transtornos ou desvios de aperfeiçoamento, como por exemplo não somente ao processo de ensino, mas isso reflete a outros espaços do cotidiano do universitário, ao aluno que enfrenta dificuldade para resolver questões administrativas, pertinentes a matrícula e outros, as questões do espaço que abrange biblioteca e como utilizar este local como um caminho de rotina, para que tudo ali ofertado seja construtivo a sua formação. A espaços laboratoriais como o contato com rochas específicas que por sua vez só são mencionados em livros, mas que com este espaço acaba levando o aluno a compreender de fato qual o objeto que o mesmo estuda. Ao espaço social como áreas de convivência da universidade, incluindo o restaurante universitário e a área de lazer e descanso que também são importantes, pois acaba sendo um momento de troca de conhecimento, de compartilhamento de dúvidas entre os alunos. E por fim aos espaços de feiras e congressos ofertados no meio acadêmico, através de palestras específicas do curso ou para a comunidade acadêmica em geral.

Por sua vez, acaba sendo um processo de adaptação a elementos que constituem a rotina universitária, para também a discussão pautada de muita prática e reflexão de como isso contribui e também em como isso pode ser melhorado.

7.1.3 Categoria 3 – Fatores que dificultam a compreensão da vida acadêmica



Fonte: FERREIRA, Makes Darley Oliveira, 2022.

Para estes alunos, a maior dificuldade encontrada para 20 deles que representam 47,6% da maioria das respostas sejam compreensão da vida institucional, desenvolvimento no hábito de leitura, deslocamento para instituição, seguindo de funcionamento dos vários setores da instituição e trato com as plataformas digitais sendo para 38,1% e 35,7% respectivamente.

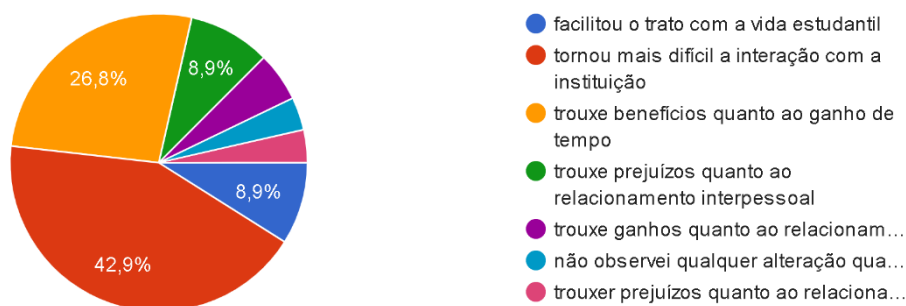
Para o terceiro tópico levantam os fatores que dificultam a compreensão da vida acadêmica e a dificuldade do aluno neste processo. De fato, como mencionado a análise desta pesquisa, deve refletir o fato que este aluno chega preparado ao espaço universitário, incluindo a sua percepção. Ao refletirmos sobre o contexto social de discentes, sobretudo aqueles que em sua grande maioria sempre estudaram em escolas públicas e com significativos obstáculos educacionais e sociais, enxergamos como o ensino público do Brasil apresenta lacunas no processo de ensino-aprendizagem, determinados alunos ingressam com dificuldade de leitura, dificuldade de escrita, dificuldade de compreensão entre outros processos não desenvolvidos no decorrer da sua formação.

Portanto o ambiente universitário passa a ser um período de transição, sobre como chegou e para onde irá. O vasto acervo de autores contribui para esta formação e adaptação, ao levantar autores que discutem o ensino brasileiro, o processo de aprendizagem, como se estruturam estes elementos do início ao final da graduação, gera um conforto por meio da expansão intelectual do aluno universitário, para analisar as bases anteriores que antecedem a sua ingresso. E por outro momento discute também autores que contribuem para a formação enquanto disciplina, analisando fatores a exemplo como político, urbano, econômico e outros. Este então passa a ser um elemento de construção do debate pertinente as informações específicas do curso, que se repetem durante todo o processo, entre conhecer a base e a discutir o meio. E ao finalizar o conteúdo proposto no processo, possa servir como experiência em momentos de estágio, pesquisa e outros elementos pertinentes a universidade.

Neste momento então, englobar situações que faz com que o aluno se familiarize com o meio acadêmico, passa a ser mais que um desafio, mas uma forma de separá-lo do que foi comum no seu processo de ensino, para avançar nas rotinas acadêmicas de ensino e da construção do saber, para que isso possa ser um benefício para além dos muros que cercam a universidade.

7.1.4 Categoria 4 – Percepção sobre o ensino híbrido que foi desenvolvido durante o período de pandemia

Quanto ao ensino híbrido adotado durante a pandemia:
56 respostas



Fonte: FERREIRA, Makes Darley Oliveira, 2022.

Com ensino híbrido adotado durante a pandemia, voltado muitas vezes para o individual e recluso, para 42,9% tornou mais difícil a interação com a instituição, seguido de trouxe benefícios quanto ao ganho de tempo para 26,8% e para 8,9% trouxe prejuízos quanto ao relacionamento interpessoal e facilitou o trato com a vida estudantil, assim respectivamente.

Para o quarto tópico do questionário a percepção sobre o ensino híbrido que foi desenvolvido durante o período de pandemia, vemos então um desafio enfrentado por todos, aqui precisamos destacar as dificuldades de todos os elementos da universidade, seja o meio administrativo de ofertar um acesso de qualidade, seja as dificuldades dos professores em discutir temas por meio do ensino remoto e também por sua vez do aluno, que se viu inexperiente para compreender o ensino individual no seu processo de ensino recluso, de fato a adaptação foi um processo que requeria muita paciência e calma de todos os possíveis elementos que constituíam o papel da universidade.

De fato, o processo de ensino remoto gerou percas significativas, talvez pelo fato de tempo reduzido se comparado ao ensino presencial, difícil compreensão de falas que por sua vez não eram expostas claramente, difícil acesso as plataformas digitais seja pelo uso da internet ou pela dificuldade de manuseio com os programas, ao ensino ofertado que preciso ser adaptado e muitas vezes comprimidos para não haver uma forma inapropriada da compreensão do aluno, ou seja, de fato não debruçar em textos extensos, mas sim em conteúdo que fixassem a

verdadeira importância sob como aquilo refletia e contribuía para a compreensão de determinadas disciplinas.

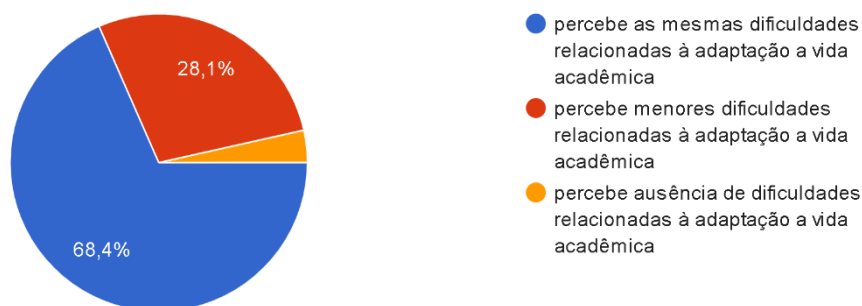
O ensino híbrido em sua totalidade também trouxe benefícios como ganho de tempo que deixou de ser um problema para alunos que faziam um movimento pendular diário de uma cidade a outra para estudar, portanto este ganho favoreceu muitos estudantes. A possibilidade estudar disciplinas no ambiente familiar ou em suas cidades de origem, a facilidade para entrega de atividades propostas por meio de e-mail e ou plataformas de ensino da própria instituição. Tudo isso contribuiu positivamente para o processo de ensino, pois a comunicação de fato foi mais próxima entre aluno e professor, gerando assim discussões positivas pertinentes ao meio acadêmico a sua compreensão.

Porém, como relatado por este questionário também houve percas significativas como a compreensão das aulas que delimitavam a um acesso razoável com internet que pudessem permitir o aluno estudar e compreender durante o tempo proposto de ensino na disciplina, sobretudo destacando eventuais problemas adquiridos, como a ausência de pacote de internet de dados móveis, ausência de wi-fi, ausência de equipamentos com qualidade que permitiam este aluno assistir ou apresentar algum tipo de seminário online e outros. O acesso a determinadas áreas da universidade como o meio administrativo, com seus prazos respectivamente a entrega de atividades ou de requisições online tenho sido uma barreira a desbravar.

Portanto no contexto, houve benefícios e perdas, ao pesar em uma balança imaginária devemos refletir o que de fato mudou e como isso será perceptível a partir deste enfrentamento, como utilizaremos do ensino remoto em determinadas situações que beneficiem e qualifiquem mais ainda o ensino acadêmico na sua totalidade. E a pesquisa deste tópico elenca justamente estes autores que mesmo com determinadas dificuldades, viram em si próprio e do outro algumas compreensões passíveis de melhoria ou defasagem do ensino. Que mesmo não sendo permanente, contribuiu em pontos e questionamentos de como ensino pode ser construído mesmo com adaptações ou dificuldades presentes sob o novo que porventura venha a ser discutido novamente em alguma situação da instituição de ensino.

7.1.5 Categoria 5 - Percepção quanto à trajetória acadêmica dos colegas de curso

Quanto à trajetória de seus colegas de curso você:
57 respostas



Fonte: FERREIRA, Makes Darley Oliveira, 2022.

Sobre o olhar individual do aluno para o coletivo, para 68,4% perceberam as mesmas dificuldades relacionadas à adaptação a vida acadêmica e para outros 28,1% perceberam menores dificuldades relacionadas à adaptação a vida acadêmica.

Para o quinto tópico a percepção quanto à trajetória acadêmica dos colegas de curso, devemos discutir como o coletivo contribui na formação acadêmica e positivamente agrega resultados interessantes para a discussão.

Durante o processo da graduação por muitas vezes assistimos professores a realizar essa configuração de trabalho em grupo, utilizando do coletivo, por meio de alunos que tenham proximidade entre si e também entre grupos de alunos que não necessariamente sejam próximos, para que gere uma interação positiva a partir de diferentes ideias e como o trabalho coletivo por percepções diferentes podem ser levantadas.

Ao realizar essa análise na configuração presencial fica perceptível os ganhos ao compreender como seu colega debate ou assimila determinados assuntos, sendo assim por sua vez uma forma também de compreender sob a visão do outro.

Ao realizar essa análise no modo de ensino híbrido adotado durante a pandemia da covid-19 fica claro uma outra análise diferente da tradicional, pois maior parte dos alunos percebem as mesmas dificuldades entre si, ao olhar ao colega de turma próximo ao não compreender assuntos que ele também não compreende, ou que acha difícil o debate, sendo

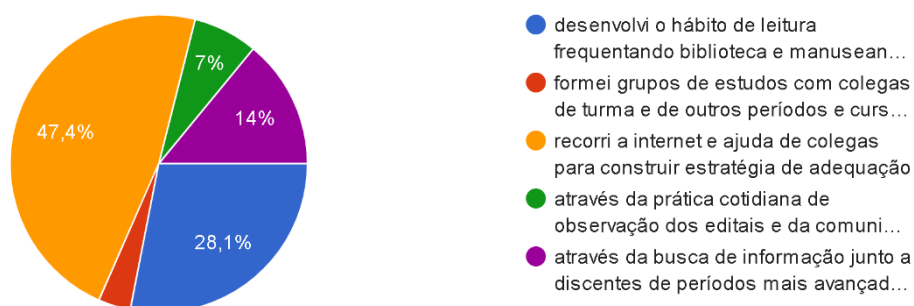
assim desvincular a ideia de que a dificuldade de compreensão deixa de ser individual e passa a ser então coletiva.

Levantar estas questões necessariamente gera uma reflexão no próprio aluno, que compreende seu lugar, mas que também se põe no lugar do outro e discute para si próprio como isso influencia no processo de ensino-aprendizagem no decorrer da sua graduação e os impactos gerados sob ele.

Em geral compreendemos a capacidade do universitário em lidar não somente com suas dificuldades em dois momentos, presencial e híbrido, mas como isso afeta a sua percepção do coletivo, a partir do conceito de aprendizagem sob como o meio acadêmico passa a ser uma pauta em conjunta do que pode ser denominado fácil ou difícil ou sob o olhar mais crítico do porque há essa dificuldade. De fato, como a ascensão intelectual exige um trabalho contínuo e até mesmo metódico por parte própria ou de outro.

7.1.6 Categoria 6 – Estratégias utilizadas para adaptação ao curso

Quanto às estratégias para adaptação à vida universitária:
57 respostas



Fonte: FERREIRA, Makes Darley Oliveira, 2022.

Para 47,4% dos alunos entrevistados recorreram a internet ou ajuda de outros colegas para que se houvesse uma melhor adaptação, para 28,1% desenvolveram o hábito da leitura através dos textos disponibilizados pelos professores, para 14% recorreram a ajuda de alunos de períodos mais avançados que já tinham domínio sobre o conteúdo e para 7% a prática cotidiana gerou resultados positivos.

Para o sexto tópico do questionário estratégias utilizadas para adaptação ao curso, compreendemos uma outra visão voltada novamente para si, em como isso foi ou está sendo este processo de adaptação ao curso, como suas rotinas estão inteiramente influenciadas no seu

papel de aluno, compreender as suas aflições demanda esforço, trabalho e até mesmo em alguns momentos a calma dentro do seu tempo, mas que não prejudique seu bem-estar social para alguns pontos de atenção.

Ao questionar o aluno sob como o ensino fez parte da sua rotina, para muitos o uso da internet tem sido o melhor caminho para compreender levantamentos de difícil compreensão e a facilidade de se comunicar com colegas também fez papel importante neste desafio de compreender determinados pontos.

Para determinados alunos a leitura contribui no seu processo de ensino, por sua vez textos disponibilizados online que permitem que o aluno compreenda alguns levantamentos a partir de qualquer local ou por meio do seu smartphone, de fato a praticidade e a tecnologia contribuem positivamente neste aspecto.

O auxílio no contato com o professor ou com alunos que tenham vivido a mesma experiência, mas que estão em períodos avançados também contribui positivamente para sanar dúvidas pessoais, pois a visão do outro da compreensão literária sob determinado assunto, gera resultados positivos no que compreendemos de benefício de compreensão do ensino.

Portanto encontrar o meio que possibilita o aluno a compreender ou enfrentar qualquer dificuldade, por quaisquer caminhos ofertados, gera no acadêmico uma possibilidade diferente do que está sendo prestado, porém por uma visão mais ampla, recorrendo a ajuda de inúmeros fatores como mencionados, entre si ou com acesso à internet, videoaulas e demais meio de comunicação que venha sanar a dificuldade de adaptação as rotinas universitárias.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender a análise deste trabalho me possibilitou observar como os processos educacionais podem levar a transformações sociais significativas, tal como o crescimento individual, o exercício para além da universidade, o ensino na rede básica, o ensino no coletivo enquanto sociedade e para todos os outros mais possíveis ensinamentos.

Quando analisamos o decurso do tempo entre o indivíduo saber o seu lugar no espaço na infância, ao indivíduo que conhece as categorias geográficas tal como as suas percepções na vida académica, gera uma visão de como a geografia sempre esteve e estará presente na nossa vida. Sobretudo, ressaltando em como a educação leva a uma aquisição geral de conhecimento.

Para a compressão teórica deste trabalho o leitor se familiariza com dados que são discutidos diariamente na trajetória do curso, tal como o acesso ao ensino, o exercício do saber, a replicação e o conhecimento e assimilação das normas de funcionamento institucionais.

O trabalho em si baseia-se com as estruturas do conhecimento enquanto teoria e com os resultados enquanto a prática, fazendo essa ligação entre autores e alunos, ambos com suas respectivas verdades, que contribui a um acervo para além da escrita, mas também para a reflexão de todos que o decidem conhecer.

Os resultados da pesquisa permitem compreender como o aluno do curso de geografia da UFNT traz sua bagagem própria e se utiliza dela para sua construção académica. A análise através do questionário torna-se elemento de compreensão e análise do contexto geral a partir dos alunos que compõe o curso. Como sua origem e de seus familiares, a adaptação ao curso, como foi a dificuldade enfrentada por eles, seja por meio do ensino presencial ou híbrido, as dificuldades de acesso ao ensino remoto. Como a familiaridade com o meio académico impactou para si e para os outros através da sua visão.

Compreender o local que frequento enquanto estudante do ensino superior dentro de uma universidade pública garante a mim ampliação da percepção da vivência académica e enfrentamentos que o meio acaba gerando, mesmo que através de determinados empecilhos do cotidiano, apenas pelo exercício total acaba gerando resultados satisfatórios, como meio de compreender a importância do acesso à educação de qualidade, usufruindo assim o pleno direito ao ensino superior público.

Olhar os resultados como a vivência de cada um e enxergar muito de si também colabora para a minha própria percepção de como o ensino deve ser um ato democrático para todos aqueles que se interessem por ele, pois somente através deste exercício ofertado pelo meio académico, torna-se possível escrever diferentes histórias dentro de cada realidade proposta.

Ao final, conhecer e concluir a escrita deste trabalho resulta na oferta a toda a comunidade acadêmica de contribuição ao entendimento de barreiras nem sempre visíveis que se apresentam aos estudantes do ensino superior público brasileiro. Além das reconhecidas questões do acesso ao ensino superior no Brasil, nosso trabalho expôs as questões que se apresentam num outro momento da vida dos estudantes, ou seja, a permanência na vida estudantil no terceiro grau. A assimilação das diversas exigências de entendimento do funcionamento institucional se apresenta como grandes desafios na vida de indivíduos que via de regra não possuem em seus grupos familiares a trajetória educacional no ensino superior. Portanto, entendemos também que nosso trabalho expõe importante mudança observada no mundo educacional brasileiro das duas últimas décadas.

9 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cibele Yahn de. Acesso ao ensino superior no Brasil: equidade e desigualdade social. Disponível em [Acesso ao ensino superior no Brasil: equidade e desigualdade social - Ensino Superior Unicamp](#). Consultado em 04/11/2021.

A UNIVERSIDADE DO BRASIL É FUNDADA. Memorial da Democracia, 20 de jun. de 2022. Disponível em: < <http://memorialdademocracia.com.br/card/capanema-cria-a-universidade-do-brasil>> Consultado em 20/06/2022.

BANDEIRA, Marina. Como elaborar um questionário. Laboratório de Psicologia Ambiental Universidade de Brasília. Série: **Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais**, 2003, Nº 01 Instituto de Psicologia, p.

CHAER, G.; DINIZ, R.R. P.; RIBEIRO, E. A. **A técnica do questionário na pesquisa educacional**. Revista Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011.

Giro R, Mackenzie M. **Coleta De Dados Para a Pesquisa Acadêmica**: Um Estudo Sobre a Elaboração, a Validação E a Aplicação Eletrônica De Questionário. Encontro Nac Eng Produção. 2007;1– 10.

COSTA, Danielle Dias da e FERREIRA Norma-Iracema de Barros. **O PROUNI na educação superior brasileira: indicadores de acesso e permanência**. Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 22, n. 1, p. 141-163, mar. 2017.

COULON, Alain. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1239-1250, out./dez., 2017.

DIAS Regina Lúcia Cerqueira e SILVA, Izabela Mathias dos Santos. O acesso e a permanência das classes populares na universidade pública: trajetória escolar de uma estudante da Universidade Federal Fluminense. **Movimento-Revista de Educação**, Niterói, ano 5, n.9, p.192-219, jul./dez. 2018

FAVATO, Maria Nilse e RUIZ, Maria José Ferreira. REUNI: política para a democratização da educação superior? **Revista Eletrônica de Educação**, v. 12, n. 2, p. 448-463, maio/ago. 2018.

FERREIRA, Sandro Augusto Silva. Estratégias de diálogo com o estranhamento no começo da vida universitária políticas de acolhimento e permanência na Universidade Federal do Sul da Bahia. **Revista Internacional de Educação Superior**. Campinas, SP v.3 n.2 291-307 maio/ago. 2017.

FRANCO, Alexandre de Paula. Ensino Superior no Brasil: cenário, avanços e contradições. **Jornal de Políticas Educacionais**. Nº 4 | julho –dezembro de 2008, p. 53–63.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior>. Acesso em: 28/04/2022.

MELO, Patricia Bandeira de e ARAÚJO, Nathielly Darcy Ribeiro. Da periferia à universidade: sucesso escolar e qualidade de vida de jovens de classe popular. **Revista de Ciências Sociais**, nº 50, janeiro /junho de 2019, p. 58-82.

NIEROTKA, Rosileia Lucia e TREVISOL, Joviles Vitório. Os jovens das camadas populares na universidade pública: acesso e permanência. **Revista Katál.**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 22-32, jan./jun. 2016.

NOGUEIRA, Roberto. **Elaboração e análise de questionários: uma revisão da literatura básica e a aplicação dos conceitos a um caso real**. Rio de Janeiro: UFRJ/COPPEAD, 2002.

SALATA, André. Ensino Superior no Brasil das últimas décadas Redução nas desigualdades de acesso? **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, v. 30, n. 2, p. 219-253

SAMPAIO, Sônia Maria Rocha., org. Entre a escola pública e a universidade: longa travessia para jovens de origem popular. In: *Observatório da vida estudantil: primeiros estudos* [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 27-51. ISBN 978-85-232-1211-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>

SAMPAIO, Sônia Maria Rocha e SANTOS, Georgina Gonçalves dos. A teoria da afiliação: notas para pensar a adaptação de novos públicos ao ensino superior. **Atos de Pesquisa em Educação** - Blumenau, v. 10, n.1, p.202-214, jan./abr. 2015.

VASCONCELOS, Ana Maria Nogales. Juventude e Ensino superior no Brasil. In: DWYER, Tom *et. al* (orgs.). **Jovens universitários em um mundo em transformação – uma pesquisa sino-brasileira**. Brasília: Ipea; Pequim: SSAP, 2016.

VICENZI, Lectícia Josephina Braga de. **A fundação da Universidade do Distrito Federal e seu significado para a educação no Brasil**. Forum Educacional. Rio de Janeiro, v.10, n.3, jul./set. 1986 disponível em: <<A FUNDAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO DISTRITO FEDERAL (ufba.br)>>. Consultado em 09/06/2022.

10 ANEXO 1

QUESTIONÁRIO:

- 1 – Nome completo: _____
- 2 – Idade: _____
- 3 – Local de nascimento: _____
- 4 – Local de residência durante o curso: _____
- 5 – Reside com quem? _____

6 – Grau de escolarização das pessoas que residem com você

- analfabeto
- fundamental incompleto
- fundamental completo
- ensino médio incompleto
- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- pós-graduação

7 – Enfrentou alguma dificuldade para se adaptar ao curso?

- sim não

Se sim, assinale as opções que considera de difícil compreensão (pode marcar quantas quiser)

- compreensão da vida institucional
- funcionamento dos vários setores da instituição
- cumprimento dos prazos e sua respectiva compreensão
- trato com as plataformas digitais vinculadas à vida estudantil
- desenvolvimento do hábito de leitura
- interação com docentes e colegas de turma, do curso e dos outros cursos
- deslocamento para a instituição

8 – Quanto ao ensino híbrido adotado durante a pandemia

- facilitou o trato com a vida estudantil
- tornou mais difícil a interação com a instituição
- trouxe benefícios quanto ao ganho de tempo
- trouxe prejuízos quanto ao relacionamento interpessoal
- trouxe ganhos quanto ao relacionamento interpessoal
- não observei qualquer alteração quanto à modalidade de ensino durante a pandemia

9 – Quanto à trajetória de seus colegas de curso você:

- percebe as mesmas dificuldades relacionadas à adaptação a vida acadêmica
- percebe menores dificuldades relacionadas à adaptação a vida acadêmica
- percebe ausência de dificuldades relacionadas à adaptação a vida acadêmica

10 – Quanto às estratégias para adaptação à vida universitária

- desenvolvi o hábito de leitura frequentando biblioteca e manuseando os textos encaminhados pelos professores
- formei grupos de estudos com colegas de turma e de outros períodos e cursos
- recorri a internet e ajuda de colegas para construir estratégia de adequação
- através da prática cotidiana de observação dos editais e da comunicação institucional
- através da busca de informação junto a discentes de períodos mais avançados